



LORETTA CHASE

As Modistas - 3

Volúpia de veludo



Volúpia de veludo

Capítulo um

BRITISH INSTITUTION – MESTRES DO PASSADO
Essa exposição anual é o melhor ponto de partida para se compreender a mesquinhez com a qual nossos nobres esconderam suas pinturas do grande público – criando um verdadeiro território exclusivo para as obras de arte.

– Revista literária *The Athenaeum*, 30 de maio de 1835

British Institution, Pall Mall, Londres
Quarta-feira, 8 de julho

Ele estava deitado completamente nu, a não ser por um tecido que cobria suas partes íntimas. Com a cabeça jogada para trás, os olhos fechados e a boca parcialmente aberta, dormia tão profundamente que não percebia os diabretes que brincavam com sua armadura e suas armas, ou que um deles soprava em seu ouvido através de uma concha. A mulher estava reclinada ao seu lado, o cotovelo apoiado em uma almofada vermelha. Ao contrário dele, estava completamente vestida, usava uma roupa de linho com acabamentos dourados, os olhos bem abertos. Ela o observava com uma expressão indecifrável. Será que seus lábios insinuavam um sorriso, algo severo, ou será que seus pensamentos estavam em outro lugar?

A mente de Leonie Noirot ofereceu-lhe dezesseis respostas diferentes, mas nenhuma satisfatória. O que não deixava dúvidas era o que o casal estivera fazendo antes que o homem – o deus romano Marte, segundo o catálogo da exposição – pegasse no sono.

Se havia mais alguma coisa na mente de Leonie – por exemplo, o motivo que a levava até ali naquele dia, ou o que “ali” significava, ou quem ela era –, isso tinha se escondido em algum recanto obscuro. Nada além daquela pintura existia ou tinha importância.

Estava diante de uma obra de Botticelli intitulada *Vênus e Marte* e sentia-se tão atraída pelo quadro que não sabia nem em que planeta ou tempo ela mesma se encontrava. Permaneceu na frente da obra sem desviar o olhar, e poderia ver cada pincelada, tentando entender profundamente o seu significado. A única coisa que não conseguia fazer era desligar-se dela.

Se uma única pessoa parasse à sua frente, ela seria capaz de estrangulá-la. Estranhamente, ninguém fez isso. A Exposição Anual de Verão da British Institution continuava a atrair visitantes e também numerosos artistas, que armavam seus cavaletes nas galerias para copiar a obra dos grandes mestres. Esses pintores se tornavam obstáculos desagradáveis enquanto aproveitavam, com enorme ansiedade, o que poderia ser sua única oportunidade de reproduzir itens artísticos de coleções particulares.

Ninguém estava atrapalhando Leonie. Ninguém apareceu por trás dela para olhar por cima de seus ombros. Ela não percebeu nada disso, e muito menos se perguntou o motivo. Não fora ali pela arte, mas por outra razão específica.

Algo muito importante... do qual se esquecera no instante em que seus olhos pousaram no quadro.

Ela poderia ter ficado ali, paralisada, até o Dia do Juízo Final, ou até que um dos funcionários a obrigasse a deixar a exposição. Mas...

Um estrondo, súbito como um trovão, interrompeu a paz do ambiente.

Ela deu um pulo e cambaleou para trás.

Bateu em uma parede que não deveria estar lá.

Não, não era uma parede.

Era algo grande, quente e vivo.

Tinha cheiro de homem: loção de barbear, goma e lã. Mãos masculinas e enluvadas, que tocaram seus ombros com leveza e a colocaram de volta na posição vertical, confirmaram essa impressão.

Ela se virou depressa e ergueu os olhos – olhou *bem* para ele.

Ah, Deus.

Ou, mais precisamente, *Ah, deus Marte.*

Talvez ele não fosse exatamente igual à imagem da pintura. Sobretudo porque o tal homem estava completamente vestido, e com roupas caras. Mas o nariz, a testa e a boca eram muito parecidos. Em especial o formato dos olhos. Os dele, ao contrário dos olhos do deus da guerra, estavam abertos.

Eram verdes, pontilhados de dourado, mesmo tom das mechas de seus cabelos louro-escuros. Os cachos eram iguais aos do deus Marte, desgredados de um modo atraente. Existia algo em seus olhos e em sua boca que era mais difícil de descrever, que insinuava outros tipos de rebeldia: os lábios quase sorrindo e os olhos bem abertos, demonstrando inocência. Ou seria estupidez?

– Com toda a emoção que senti, parece que quase fiz a senhorita pisar em meu pé – disse ele. – Peço-lhe mil desculpas.

Não era estúpido.

Mais importante, ele estava perto demais e ela não percebera. Leonie nunca permitia que ninguém se aproximasse tanto. Em Paris, isso teria sido fatal. Até mesmo em Londres era arriscado.

Ela guardou para si todos os seus receios, como estava acostumada a fazer havia muitos anos.

– Espero que não tenha lhe causado nenhum dano permanente – disse Leonie.

Ela olhou para baixo. As botas dele eram imaculadas. Um lacaio as havia lustrado até conseguir um efeito impressionante; a poeira de Londres era obrigada a fugir para longe, cegada por tamanho brilho.

Os olhos verdes dele também observaram os pés de Leonie.

– Um pé pequenino, embrulhado em um pouco de cetim e uma tira de couro? Quase impossível me causar danos, não acha?

– Os pedaços de cetim e couro são meias-botas, chamadas *brodequins* – disse ela. – E meus pés não são tão pequenos. Mas é muito gentil de sua parte dizer isso.

– Nessas circunstâncias, eu precisava dizer alguma coisa agradável. Deveria também apresentar alguma razão plausível para estar tão perto da senhorita. Ou uma razão cavalheiresca, como, por exemplo, protegê-la de cavaletes em queda. Mas, se apresentasse tal desculpa, a senhorita me tomaria por um idiota. Como qualquer um pode ver, o possível objeto agressor está a alguns metros de distância.

Ela ouviu um xingamento a cerca de três quadros à esquerda. Da mesma direção, vieram o som de madeira caindo sobre madeira e o farfalhar de tecido pesado. Leonie não olhou na direção do barulho. Moças que perdem o juízo quando deuses atravessam seu caminho se metem em enrascadas. Era só perguntar a Daphne, ou a Leda, ou a Dânae.

O sol indeciso decidiu naquele instante atravessar a claraboia. Os raios tocaram a cabeça mesclada de ouro do homem.

– Talvez milorde tenha se deixado hipnotizar pelo quadro e tenha perdido a noção do que o cerca.

– Essa, sim, é uma boa desculpa. Mas, como o quadro pertence a mim e já tive tempo mais que suficiente para admirá-lo, a justificativa não me serve.

– O quadro é seu? – surpreendeu-se ela.

Leonie não lera no final do catálogo o nome do proprietário que o emprestara. Imaginara que a obra pertencesse ao rei ou a algum duque.

– Quer dizer, não sou Botticelli, como a senhorita já deve ter percebido, uma vez que o sujeito está morto há séculos. Eu me chamo Lisburne.

Leonie se controlou, colocou os negócios como prioridade em sua mente e folheou seu livro mental de registros, onde arquivava um compêndio particular sobre a aristocracia da Grã-Bretanha, assim como todos os detalhes importantes que saíam nos jornais de escândalos e da boca de suas clientes mexeriqueiras.

Não teve nenhuma dificuldade em localizar o nome dele, pois ela havia atualizado o livro poucos dias antes: *Lisburne* significava Simon Blair, o quarto marquês de Lisburne. Aos 27 anos, era o único filho do pranteado terceiro marquês de Lisburne, cuja viúva, que se casara novamente havia pouco tempo, residia na Itália.

Lorde Lisburne, que também vivera no exterior ao longo dos últimos cinco ou seis anos, chegara do continente fazia duas semanas, acompanhado de seu primo de primeiro grau e grande amigo lorde Swanton.

O visconde de Swanton era o motivo que levava Leonie em pleno dia útil à galeria em Pall Mall.

Ela olhou de novo para o quadro. Em seguida, observou ao redor pela primeira vez desde que chegara. Foi então que percebeu por que ninguém se aproximara dela nem atrapalhara sua visão. Nas outras paredes da galeria havia paisagens, mortes históricas e mitológicas, batalhas e coisas do gênero, além de outros temas religiosos. O Botticelli não tinha nada a ver com o resto. Nenhuma pregação, nenhuma violência e, definitivamente, nenhuma inocência bucólica.

– Uma escolha interessante – comentou ela.

– Ele sobressai bastante, agora que a senhorita mencionou isso – respon-

deu ele. – Hoje em dia ninguém parece gostar muito de Botticelli. Meus amigos me aconselharam a optar por uma cena de batalha.

– Em vez disso, o senhor tomou a decisão final por conta própria.

Os olhos verdes se deslocaram para a pintura e, em seguida, retornaram para ela.

– Eu poderia jurar que antes da cena eles estavam fazendo amor.

– E eu poderia jurar que ela o derrotou.

– Ah, mas ele vai se levantar de novo para... para lutar outra vez – afirmou ele.

– Sem dúvida.

Leonie virou-se de frente para o quadro e aproximou-se da obra, embora soubesse que se arriscava a bater com a cabeça nela. Ela já vira outras pinturas igualmente belas. No Louvre, por exemplo. Mas aquela...

O proprietário colocou-se ao lado de Leonie. Por um instante, admiraram o quadro em silêncio e ela teve plena consciência da presença física próxima.

– A expressão de Vênus me intriga – disse ela. – Pergunto-me o que ela está pensando.

– Há uma diferença entre homens e mulheres – comentou ele. – Ele está dormindo e ela pensando.

– Alguém precisa pensar. E geralmente quem faz isso é a mulher.

– Sempre me pergunto por que elas não pegam no sono.

– Eu não saberia lhe explicar.

E não saberia mesmo. O conhecimento de Leonie sobre o ato sexual entre homens e mulheres, por mais que sua irmã mais velha falasse sobre isso com ela em detalhes, não era, de forma alguma, baseado em experiências pessoais. Ela lembrou a si mesma que aquele não era o momento para devanear sobre tal experiência. Os negócios sempre em primeiro, segundo e último lugar. Ainda mais agora.

– O que me intriga é a aparência da mulher – prosseguiu ela.

Leonie abriu a bolsa, pegou um pequeno retângulo de papel e o entregou a lorde Lisburne. Era um belo cartão de visitas, como esperado, uma vez que seu estabelecimento era o mais importante do setor em Londres. Era do tamanho de um cartão feminino, impresso e colorido com elegância, porém não deixava de ser um cartão comercial da Maison Noiro, Modistas para Mulheres de Alta Classe, na St. James Street, número 56.

Ele o estudou por certo tempo.

– Sou uma das proprietárias – explicou ela.

Ele a encarou.

– Não foi a senhorita que se casou com meu primo Longmore?

Leonie não se surpreendeu pelo fato de ele ser primo de seu novo cunhado. Todos na alta sociedade pareciam ter algum grau de parentesco, e a família Fairfax, à qual pertencia o conde de Longmore, era numerosa em seu ramo principal e prolífica em galhos e videiras.

– Foi a minha irmã Sophy. Para referências futuras, ela é a loura.

Era assim que a alta sociedade se referia às três proprietárias da Maison Noiro: as Três Irmãs, algumas vezes as Três Bruxas ou as Três Messalinas Francesas: a morena, a loura e a ruiva.

– Isso mesmo. E uma é casada com o duque de Clevedon.

– Minha irmã Marcelline, a morena.

– Que bom que seus pais as fizeram tão diferentes. E que gentileza a sua em me explicar. Se eu confundisse, por exemplo, a condessa de Longmore com a senhorita e tentasse cortejá-la, o brutamontes do marido dela tentaria me atacar, para grande pesar do meu lenço de pescoço. Levei meia hora para ajeitá-lo.

Leonie tinha 21 anos, mas já era uma experiente mulher de negócios, e não uma dama protegida. Ela examinou o lenço com olhar profissional – ou pelo menos tentou. Foi bem mais difícil do que deveria.

Abaixo do ângulo finamente esculpido do queixo de Lisburne, o acessório não estava apenas imaculado, mas dobrado e vincado com tamanha perfeição que poderia ter sido gravado em mármore.

O restante da roupa dele também era incrivelmente perfeito. Assim como o rosto e o corpo.

Leonie sentiu-se tonta e pensou que não seria um mau momento para desmaiar. Mas a modista profissional que residia dentro dela analisou o lenço com um olhar crítico.

– O senhor empregou muito bem o seu tempo, conseguindo um efeito excelente.

– Não que faça muita diferença – disse ele. – Ninguém olha para outros homens quando *ele* está por perto.

– Ele? – repetiu ela.

– Meu poético primo. Sou um homem cheio de primos. Ah, ali estão eles, malditos.

Ela percebeu as vozes que vinham da escadaria central.

Virou-se naquela direção e viu cabeças e chapéus. Em seguida, torsos. Depois de um instante de aparente confusão sobre o caminho a seguir, o grupo, composto principalmente de mulheres jovens, avançou para o arco da galeria onde ela se encontrava. Pararam de repente, gerando uma pequena confusão de cotoveladas e empurrões pouco dignos de damas. O grupo se afastou para dar passagem a um cavalheiro alto e magro, de aparência etérea. Seus cabelos eram longos demais e as roupas tinham um toque teatral.

– Ele – disse lorde Lisburne.

– Lorde Swanton – falou Leonie.

– Quem mais poderia ser, com vinte meninhas ao redor, todas boquiabertas de admiração?

Leonie analisou as moças, todas mais ou menos de sua idade, ou até mais novas, exceto por algumas mães e tias que eram obrigadas a acompanhá-las. Perto da extremidade do grupo de adoradoras de lorde Swanton e suas relutantes acompanhantes, estava a nova cunhada de Sophy, lady Clara Fairfax, com olhar entediado. Milady estava ao lado de uma mulher de aparência comum, vestida de forma completamente equivocada.

O ânimo de Leonie melhorou. Ela fora até ali com a intenção de conseguir mais clientes. Aquilo era ainda melhor do que esperava.

Por um instante, quase se esqueceu do deus Marte e até do quadro. Quase. Mas controlou o entusiasmo e voltou a atenção para lorde Lisburne.

– Obrigada, milorde, por me impedir de levar um tombo, como o cavalete daquele infeliz pintor – disse. – Obrigada também por escolher esse quadro em particular como empréstimo para ser exibido aqui. Não aprecio cenas de violência, tão populares atualmente. E santos são muito irritantes. Mas essa experiência foi sublime.

– Que experiência, exatamente? Nosso encontro foi rápido, porém agitado.

Ela se sentiu tentada a continuar ali e flertar. Ele era muito tentador. Além de ser um homem lindo, era nobre e tinha um quadro que, popular ou não, sem dúvida era de um valor inestimável. Não havia dúvidas de que ele colecionava centenas de outras obras do mesmo valor, ou, pelo menos, objetos assustadoramente caros e duas ou três casas imensas, construídas em grandes propriedades e em vários territórios da Grã-Bretanha. Se – ou melhor, quando – ele se casasse e/ou resolvesse ter uma amante, pagaria

pela casa, por criados, carruagens, cavalos etc. – e, o mais importante dos *et ceteras*: pelas roupas.

Mas a amiga de Clara parecia indisposta e pronta para fugir. Um prêmio assim não aparecia todos os dias. De qualquer maneira, Leonie já conseguira chamar a atenção de lorde Lisburne. Ela conhecia os homens e sabia que qualquer dia desses ele faria uma visita à loja.

– Realmente – disse Leonie. – No entanto, eu vim aqui a negócios.

– Negócios – repetiu ele.

– Mulheres. Vestidos. – Ela fez um gesto rápido, apontando para si mesma. Sua aparência indicava que gastara mais de meia hora se preparando para o evento. – Propaganda.

Em seguida, Leonie fez uma rápida reverência e foi em direção a lorde Swanton e seu séquito. Ouviu um som abafado às suas costas, mas não podia perder tempo olhando para trás. A moça malvestida cutucava o braço de Clara.

Leonie apressou o passo.

Com os olhos fixos na amiga de Clara, ela não viu a tela que estava em seu caminho.

O salto de seu *brodequin* ficou preso no cavalete, e Leonie levou um tombo para a frente.

Movendo os braços desajeitadamente, ela escutou o suspiro coletivo, intercalado por risinhos, quando caiu.



Lisburne também não percebera a tela. Estava ocupado demais observando a Srta. Noirot se afastar, embora já tivesse aproveitado a oportunidade de estudá-la a distância – e também inapropriadamente perto – enquanto ela estava diante do Botticelli, sem notar sua presença, a dos outros ou do resto do mundo. Quando ela esbarrou nele e o viu, ele quase gaguejou, imaginando que a *Vênus de Botticelli* tivesse adquirido vida: o mesmo – ou quase – rosto em forma de coração e um nariz sedutoramente imperfeito... a boca vermelha, com a insinuação de um sorriso, a expressão de quem se recorda de alguma situação perturbadora... o queixo surpreendentemente determinado.

A mente dele passou por fantasias indecorosas, mas seus reflexos funcio-

naram de forma magistral. Ele se moveu para a frente, segurou-a e a tomou nos braços com um único e suave movimento.

Desde a última vez que visitara a Inglaterra, fazia seis anos, as roupas femininas haviam adquirido um caráter extravagante. Era difícil dizer quais partes de uma moça eram reais e quais haviam sido criadas por meio de artifícios. Embora apreciasse tais efeitos, ficou feliz ao descobrir que o que parecia ser um corpo de curvas gloriosas só era levemente artificial. A julgar pelas partes cálidas com as quais tivera contato, o corpo dela era tão curvilíneo quanto ele supôs. E seu cheiro era delicioso.

Lisburne viu os olhos dela – de um azul vívido, que ultrapassavam a beleza de safiras e dos céus da Toscana – se arregalarem e os lábios carnudos se abrirem ligeiramente.

– Parece que a senhorita conseguiu – comentou ele, em voz baixa. – Todos estão olhando.

E não era exagero. Os presentes pararam tudo que estavam fazendo ou dizendo; estavam imóveis e boquiabertos. Quem poderia culpá-los? Não era todos os dias que ruivas maravilhosas caíam nos braços de um homem.

Pessoas de outros salões foram atraídas pelo tumulto.

O dia estava se tornando infinitamente menos tedioso do que ele esperara.

– Srta. Noirot!

Swanton atravessou sua multidão de adoradoras – pisando em alguns pés durante o processo – para correr na direção deles. As jovens o seguiram. Até Clara e Gladys Fairfax, primas de Lisburne, as acompanharam, embora nenhuma das duas parecesse especialmente deslumbrada ou mesmo entusiasmada.

– Ah, céus, o que aconteceu? – perguntou Swanton.

– A moça desmaiou – disse Lisburne.

Leonie sabia que muitas pessoas haviam percebido que fora na verdade um tropeço – pelo menos as que conseguiram tirar os olhos de Swanton. Lisburne olhou ao redor, convidando calmamente as testemunhas a contradizerem-no. Ninguém o fez. Até mesmo os patifes Meffat e Theaker ficaram de boca fechada pelo menos uma vez na vida.

É verdade que lady Gladys Fairfax fez um comentário de desaprovação, mas as pessoas nunca prestavam atenção nela – a não ser que quisessem ser alvo de um acesso de fúria assassina. Embora ela também tivesse retornado a Londres fazia pouco tempo, após alguns anos de ausência, ninguém a

havia esquecido, do mesmo jeito que ninguém se esquece de uma desgraça, como o Grande Incêndio de Londres, por exemplo, ou um ataque de hidrofobia.

– *Merci* – disse a Srta. Noirot, bem baixinho.

Lisburne sentiu mais do que ouviu as palavras serem pronunciadas próximas a seu peito.

– *Je vous en prie*. O prazer foi meu – respondeu ele.

– Foi apenas uma tontura momentânea – afirmou ela, agora de maneira mais audível. – Pode me colocar no chão outra vez, milorde.

– Tem certeza, madame? – perguntou Swanton. – A senhorita está vermelha, o que não me surpreende. Faz um calor infernal aqui dentro. Não há uma única brisa hoje. – Ele olhou para a claraboia acima. – E ali está o sol, lançando suas chamas, como se tivesse errado a direção do deserto do Saara. Será que alguém faria a gentileza de pegar um copo d’água para a madame?

Madame? Lisburne lembrou-se então do elegante cartão de visitas. Em geral, as pessoas se referiam às modistas, sobretudo as caras, como *madames*, independentemente de seu estado civil.

E Swanton parecia conhecer aquela madame em particular. Ele nunca dissera uma única palavra, o covarde. Mas não, talvez não fosse nada disso. Era mais provável que algum êxtase poético tivesse tomado conta e ele tivesse apenas se esquecido dela, até que a vira outra vez. Típico.

O pai de Swanton morrera jovem, em Waterloo, e o de Lisburne havia assumido o papel de pai. Isso transformara Lisburne em um irmão mais velho e protetor, um papel que ele precisava manter até hoje, conhecendo bem como Swanton era.

– Milorde, o senhor é muito gentil – disse ela. – Mas não preciso de água. Estou muito bem. Foi apenas uma fraqueza. Lorde Lisburne, se o senhor pudesse fazer a gentileza de me colocar no chão...

Ela se contorceu um pouco nos braços de Lisburne. Foi divertido.

Era um homem saudável, com todas as partes do corpo funcionando de maneira excelente, então não estava muito ansioso para livrar-se dela. Entretanto, como era necessário, ele tirou o maior proveito possível, colocando-a no chão com muito cuidado, deixando o corpo dela descer lentamente tocando o seu, soltando-a apenas depois de um longo e palpitante momento, quando os pés dela já estavam no chão.

Leonie fechou os olhos e disse algo em voz baixa. Em seguida, abriu

os olhos e esboçou um sorriso voltado diretamente para ele. O sorriso era tão sedutor quanto o olhar. O efeito combinado o deixou um pouco atordado.

– Madame, se a senhora sentir que está forte o suficiente, permita-me apresentar-lhe meus amigos – disse Swanton. – Tenho certeza de que estão ansiosos para conhecê-la.

Os cavalheiros, sem dúvida. Estavam loucos para ser apresentados a qualquer mulher atraente, principalmente naquela circunstância, quando era impossível atrair a atenção de qualquer pessoa do grupo que perseguiu Swanton.

Mas e as damas? Não estavam loucas para serem apresentadas a uma modista?

Talvez fosse até possível que sim, decidiu lorde Lisburne. As irmãs Noirots tinham ficado famosas. Ele ouvira falar delas havia pouco tempo, no continente. Seu trabalho, diziam, não ficava atrás das criações da famosa Victorine de Paris, que exigia que até rainhas marcassem um horário para serem atendidas.

Lisburne observou o olhar deslumbrante estudar o grupo ali reunido.

– É muita gentileza de sua parte, milorde. Mas acho que já atrapalhei todo mundo o bastante por hoje. As damas sabem onde me encontrar: é só seguir até a St. James Street, número 56. E as damas, como o senhor sabe, são meu maior interesse.

Assim que terminou de falar, Leonie olhou para alguém na multidão. Prima Clara? Em seguida, fez uma reverência e se afastou.

As pessoas – primeiro as mulheres – viraram para o outro lado. Swanton continuou a declamar e romancear, ou o que quer que estivesse fazendo, e todos seguiram para outro quadro: *Entre a virtude e o vício*, de Veronese.

Lisburne, por sua vez, ficou observando a partida da Srta. Noirot. Ela parecia caminhar sem equilíbrio, não com a mesma graça e leveza de antes. No alto da escada, ela se segurou na balaustrada e estremeceu.



Leonie não conseguiu sair sem ser notada.

Ouviu os passos do marquês de Lisburne atrás dela. Sabia que era ele sem ter que olhar para trás. Provavelmente, isso se devia ao fato de ter ficado

em grande sintonia com o homem, graças à maneira imprópria como o lorde a colocara no chão momentos antes. Leonie ainda estava tremendo.

Ou talvez ele tivesse enviado algum tipo de sinal, da mesma forma que os deuses faziam, para anunciar sua chegada, com luzes estranhas, sons mágicos e perfumes divinos.

– A senhorita parece estar sentindo alguma dor – disse ele. – Posso ajudá-la?

– Eu estava tentando sair sem que ninguém percebesse.

– Sem problemas. Todo mundo está ao redor do meu primo. Ele está falando sobre C.S. Lewis e todos acreditam que esteja dizendo algo relevante.

Enquanto falava, Lisburne pegou no braço esquerdo de Leonie e o colocou ao redor de seu pescoço. Em seguida, enlaçou-a pela cintura.

Ela perdeu o fôlego.

– Deve estar doendo bastante – comentou ele. – Pensando bem, é melhor eu verificar o seu tornozelo antes de continuarmos. Pode estar mais machucado do que imaginamos.

Se ele tocasse o tornozelo de Leonie, ela desmaiaria, não necessariamente por motivos médicos.

– Foi apenas uma torção – disse ela. – Se tivesse acontecido algo pior, estaria deitada no degrau, soluçando de dor.

– Eu posso carregá-la.

– *Não!* – exclamou ela, acrescentando logo em seguida: – Muito obrigada.

Eles continuaram a descer lentamente as escadas. Ela tentou afastar da mente a lembrança do calor do corpo dele sustentando o seu. Não era fácil. Leonie havia passado muito tempo admirando o Botticelli, e sua cabeça estava criando imagens de braços e de um torso musculosos, sem nada para cobri-los.

Quando chegaram ao primeiro lance, o cérebro de Leonie, em geral muito concentrado, vagueava por caminhos estranhos e prestava atenção excessiva nas sensações físicas.

Ela se forçou a falar.

– Só espero que as pessoas pensem que fiquei tonta devido ao meu breve encontro com lorde Swanton.

– É isso que vou dizer a todos, se a senhorita assim o desejar. Mas tive a impressão de que já se conheciam.

– Paris – disse ela. – Séculos atrás.

– Não pode ter sido há tanto tempo. A senhorita pode estar um pouco debilitada, mas não parece decrépita.

– Era a primeira vez que ele visitava Paris.

– Há mais de cinco anos, então.

Na época em que Leonie tinha quase 16 anos e vivia feliz com seu trabalho e sua família, especialmente com a linda sobrinha, deleitando-se com o sucesso de Emmeline, a maravilhosa loja de roupas da prima Emma.

Antes que seu mundo fosse destruído.

– Lorde Swanton foi à loja de minha prima comprar um presente para a mãe. Ele era um rapaz doce e gentil. Em Paris, os cavalheiros muitas vezes confundem lojas com bordéis.

Aqueles que insistiam no erro costumavam sofrer acidentes terríveis.

Uma das primeiras regras que Leonie aprendeu foi que os homens só se interessavam por uma única coisa. Prima Emma havia ensinado às meninas sob sua responsabilidade não apenas a arte da costura, mas também a se defender dos homens. Entretanto, esquecera de lhes falar sobre como lidar com deuses gregos. Era uma situação muito delicada ter que manter uma atitude estritamente profissional, ainda que Leonie fosse a mais centrada das três irmãs. Mas isso não era nenhuma vantagem. Marcelline e Sophy sempre tiveram a cabeça nas nuvens: sonhadoras, estrategistas e típicas Noirots, típicas DeLuceys.

Ele cheirava a limpeza, como o ar depois da chuva. Como conseguia isso? Que aroma era aquele? Um novo sabonete mágico?

Quando chegaram ao térreo, o tornozelo dela já não latejava tanto.

– Acho que consigo andar sem me apoiar em seu braço.

– Tem certeza?

– Meu tornozelo está melhor. Não preciso me apoiar no senhor com tanta força.

O fato era que ela não precisava se apoiar nele de forma alguma, porque ele a segurava com muita firmeza junto ao corpo. Leonie tinha consciência de cada milímetro daquele braço musculoso e – sob camadas e mais camadas de camisa de baixo, corselete, vestido e pelerine – do ponto exato onde os dedos dele descansavam em suas costas.

Ela largou o pescoço de Lisburne e por sua vez ele soltou a sua cintura e lhe ofereceu o braço. Leonie colocou a mão enluvada sobre a dele e Lisburne a tomou com a mesma firmeza com que segurara sua cintura.

Leonie se convenceu de que aquilo não era um gesto íntimo, ao menos não comparado a segurá-la tocando todo o seu corpo, mas o fato era que havia anos que nenhum homem chegara tão perto dela. Ela sabia como se defender, não sabia? Sabia que não devia se mostrar fascinada por um homem de rosto e corpo bonitos e uma voz rouca e sedutora.

Ela não podia se deixar tomar pelo pânico. Seu tornozelo estava apenas um pouco melhor. Sem ajuda, teria que voltar à loja mancando, sob o sol quente. Quando chegasse lá, o problema poderia ter piorado e ela não conseguiria fazer mais nada.

Os negócios em primeiro, segundo e último lugar. Quando passaram pela porta e saíram na direção de Pall Mall, ela começou a pensar nos contatos que ele tinha, lembrando a si mesma de importantes esposas e/ou amantes, esmagando friamente as emoções indesejáveis, como costumava fazer. Sua falta de jeito podia ter desanimado a amiga de Clara, e aquela podia ter sido sua única oportunidade naquele dia de atrair novas clientes.

– A senhorita falou algo sobre negócios – disse ele.

– Falei?

O coração dela bateu mais forte. Estaria pensando em voz alta sem perceber? Teria sofrido uma concussão sem se dar conta?

– Antes, quando foi na direção de meu primo.

– Ah, sim. É verdade. Aonde quer que lord Swanton vá, sempre há um bom número de jovens damas. Ele havia mencionado para uma de nossas clientes que tinha a intenção de visitar a British Institution esta tarde. Pareceu-me uma boa oportunidade de fazer com que a loja ficasse conhecida por mais pessoas.

– Não veio pela poesia, então.

Ela deu de ombros.

– Sou proprietária de uma loja, milorde. Não tenho sensibilidade romântica.

Leonie trabalhava desde a infância. As jovens que demonstravam adoração por lord Swanton não tinham vivido em Paris durante o caos, a miséria e a destruição causados pela cólera. Dor, sofrimento e morte não eram nada românticos para ela.

– Admito estar surpreso – disse ele. – Não sei o que há de romântico em quadros assim. Mas os outros homens também não sabem. Esse mal parece afetar as mulheres jovens, com poucas exceções. Embora esteja em uma idade vulnerável, prima Clara me pareceu entediada. Minha prima Gladys

me pareceu mal-humorada, mas ela é sempre assim, por isso é difícil saber se também gosta dessas coisas ou não.

– Prima Gladys – repetiu ela. – A jovem ao lado de Clara?

– Lady Gladys Fairfax. Filha de lorde Boulsworth. Tio-avô de Clara, como a senhorita deve saber. O herói militar. Não sei bem o que trouxe Gladys de volta a Londres, embora tenha uma ligeira suspeita. Estou com a impressão de que a senhorita não está muito bem, Srta. Noirot.

Eles haviam chegado ao início da St. James Street, e o intenso calor do dia, que já estava bem forte em Pall Mall, agora os incomodava ainda mais sob a forma de um vento quente que trazia consigo a poeira de veículos, cavalos e pedestres. A cabeça de Leonie doía tanto quanto o tornozelo. Ela estava tentando se lembrar da última vez que ouvira o nome de lady Gladys Fairfax, mas a dor, o calor e a confusão haviam sufocado seus pensamentos.

– Agora chega – decidiu ele. – Vou carregá-la no colo.

Antes que ela tivesse tempo de protestar, já estava de novo enroscada no lenço de pescoço dele.

– Sim, todos vão olhar – disse ele. – Uma boa propaganda, não acha? Sabe, acho que estou pegando o jeito dessa coisa de negócios.



Enquanto isso, de volta à British Institution

Sir Roger Theaker e o ilustríssimo Sr. John Meffat estavam entre os poucos que haviam prestado atenção à partida de lorde Lisburne ao lado da Srta. Noirot. Os dois haviam chegado com o grupo de lorde Swanton, mas não faziam exatamente parte dele, muito embora fossem antigos colegas de escola do poeta.

Eles não eram os colegas favoritos de lorde Swanton, uma vez que o perturbaram sem dó nem piedade por quase um ano antes que seu primo Lisburne ficasse sabendo e acabasse com eles. Várias vezes. Porque eram lentos para entender. E mais ainda para esquecer.

Eles haviam se afastado alguns passos da multidão que seguia lorde Swanton, em parte para manter uma distância segura do perigoso primo.

O olhar de Theaker permaneceu na escada. Assim que Lisburne e a dama desapareceram de vista, ele comentou:

– Estou vendo que Lisburne está perdido.

– Se há alguém perdido, certamente é a costureira francesa – disse Meffat. – Aposto dez libras.

– Você não tem dez libras – respondeu Theaker.

– Nem você.

A atenção de Theaker se voltou para o poeta. Eles observaram por alguns minutos as moças empurrarem umas às outras sem a menor cerimônia para ficar mais perto de seu ídolo, enquanto ele se aproximava do Veronese.

– Esse sujeito é muito irritante, não é? – comentou Theaker.

– Sempre foi.

– Escreve um monte de besteiras.

– Sempre escreveu.

Ninguém poderia acusá-los de não fazer tudo o que fosse possível para esclarecer o público. Antes do retorno de Swanton à Inglaterra, os dois amigos contribuíram para vários jornais, enviando meia dúzia de críticas satíricas anônimas sobre a obra do poeta, além de duas quintilhas grosseiras. A maioria dos críticos concordou com eles.

Entretanto, uma mulher da nobreza ignorou as críticas e comprou *Alcinthus e outros poemas*, o livro de versos lúgubres de Swanton, e, ao que parecia, não conseguiu parar de chorar. Ela declarou a todas as amigas que ele era o novo Lord Byron ou bobagem parecida. Pelo que se soube depois, a procura foi tamanha que os tipógrafos não conseguiram dar conta.

Como ficar observando aquele ser desprezível não era muito agradável, Theaker e Meffat voltaram sua atenção para o infeliz pintor, que, tendo recolocado de pé o cavalete, estava tentando consertar a tela danificada.

Eles se aproximaram para oferecer conselhos jocosos e, fazendo parecer um incidente, derrubaram de propósito os itens que o rapaz havia recolocado com todo o cuidado no lugar. Sugeriram seus temas favoritos e discutiram sobre se um trecho da pintura se parecia mais com um chapéu ou com as partes íntimas femininas. Preocupados em atormentar uma pessoa pobre, fraca e intimidada demais para revidar – seu *modus operandi* usual –, eles não notaram a aproximação da mulher até que fosse tarde demais.

E quando ela disse “Preciso que me ajudem”, eles não riram, como também costumavam fazer diante de pessoas de menor importância que lhes pediam ajuda ou proteção. Nem sequer fizeram sugestões libidinosas, o que era estranho, considerando-se que ela era extremamente bonita – loura,

esbelta e jovem. John Meffat olhou para a mulher uma vez, duas vezes, e se mostrou perplexo. Dirigiu um olhar inquisidor ao amigo, que franziu o cenho, parecendo ter sido atingido por algum objeto.

Theaker lançou um olhar de advertência a Meffat, que conteve a língua.

Em seguida, Theaker deu um sorriso gentil, o que deve ter lhe valido um esforço considerável.

– Ora, por certo, minha querida. Vamos procurar um lugar menos *público* e você pode nos contar tudo.